

# Valores como conteúdo da Educação Física escolar: perspectiva a partir da Motricidade Humana

## Values as content of the Physical Education at School: from the Human Motricity perspective

FREIRE E dos S, SILVA, SAP dos S, MIRANDA ML de J. Valores como Conteúdo da Educação Física Escolar: perspectiva a partir da Motricidade Humana; **R. bras. Ci. e Mov** 2011;19(4):89-96.

Elisabete dos S. Freire<sup>1</sup>  
Sheila A.P. dos S. Silva<sup>2</sup>  
Maria L. de J. Miranda<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade São Judas Tadeu e  
Universidade Presbiteriana  
Mackenzie

<sup>2</sup>Universidade São Judas Tadeu

**RESUMO:** Os valores são construtos sociais que orientam as escolhas dos indivíduos. Eles estão presentes no currículo escolar e nas aulas de Educação Física, explicitando a abordagem pedagógica adotada pelo professor. A Motricidade Humana tem inspirado a intervenção pedagógica de alguns professores e veicula um conjunto de valores. O objetivo do presente ensaio é discutir os valores que podem constituir o currículo de uma proposta de Educação Física (EF) Escolar que se fundamente nos pressupostos da Ciência da Motricidade Humana (CMH). A CMH, proposta inicialmente por Manuel Sérgio, influenciou a produção de conhecimentos e a intervenção Profissional em Educação Física, dentro e fora da escola. Ela tem suas bases num determinado sistema de valores e no questionamento de valores vigentes. Assim, critica a visão reducionista do ser humano que focaliza apenas os aspectos biológicos envolvidos na prática motora e que preponderou entre os pesquisadores da Educação Física por muitos anos. Em termos ontológicos, a CMH atribui ao ser humano uma incompletude perene, porém tal incompletude é a responsável para que o homem, dotado de intencionalidade, se relacione com o mundo e com os outros com vistas a preenchê-la, num movimento incessante. Vários pesquisadores da área adotaram a expressão Motricidade Humana em seus estudos. Alguns utilizam a expressão sem compreender suas bases epistemológicas. Outros, no entanto, têm se dedicado a compreender e a construir essa nova ciência. A partir do trabalho produzido por esses estudiosos é possível identificar alguns conceitos e valores básicos da CMH, como liberdade, consciência, transcendência, intencionalidade, criatividade e, especialmente, autonomia. O professor de Educação Física que escolher a CMH para fundamentar sua prática pedagógica terá como desafio construir um projeto pedagógico adequado para possibilitar a construção desses valores e relacioná-los com a especificidade da área.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar; Motricidade Humana; Valores.

**ABSTRACT:** Values are social constructs guiding the choices of the individuals. They are in the curriculum of the schools and in the Physical Education classes, making clear the pedagogical approach adopted by the teacher. The Human Motricity has inspired the pedagogical intervention of some teachers and conveys a set of values. The objective of this paper is to discuss the values that could be in the curriculum of a Physical Education at school proposal based in the Human Motricity Studies's assumptions. Human Motricity Studies, firstly put forward by Manuel Sérgio, has influenced the knowledge production and the Professional intervention in Physical Education, inside and outside school. Human Motricity Studies is based on a specific system of values and in the questioning of the current values. Being so, it criticizes the reductionist view of the human being which focus only on the biological aspects surrounding the motor skill practice. This view prevailed among the Physical Education researchers for a long time. In ontological terms, Human Motricity Studies ascribes to the human being an enduring incompleteness which is responsible for the relationship between the individual, endowed with meaning, the world and the others so that he could fill in this incompleteness through a ceaseless movement. Many researchers in this field adopted the Human Motricity in their studies, some of them without understanding its epistemological bases. Others, however, have been engaged in the understanding and building of this new Science. As from the work of these scholars one can identify some Human Motricity Studies basic concepts and values, as freedom, consciousness, transcendency, intention, creativity and, specially, autonomy. The Physical Education teacher who chooses Human Motricity Studies to justify his pedagogical practice will be challenged to build a pedagogical project which enables the building of these values and to associate them to the specificities of the field.

**Key Words:** Physical Education at School; Human Motricity; Values.

**Enviado em:** 03/06/2011  
**Aceito em:** 25/04/2012

**Contato:** Elisabete Freire – elisabetefreire@uol.com.br

## Introdução

A identificação dos conhecimentos que devem constituir o currículo da Educação Física (EF) como componente curricular da Educação Básica tem sido foco de muitos trabalhos científicos produzidos nas duas últimas décadas. Um grande impulso para o crescimento do interesse pelo tema veio com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>1</sup> no Brasil. Discutindo a construção curricular, os Parâmetros Curriculares<sup>1</sup> enfatizam a necessidade de entender conteúdo como uma seleção de conhecimentos de diferentes tipos, que podem ser classificados em três dimensões: procedimental, conceitual e atitudinal.

Valores, atitudes e normas constituem a dimensão atitudinal dos conteúdos e também se fazem presentes no currículo da EF escolar. Com frequência, essa dimensão não aparece intencionalmente e de forma explícita nos planos de ensino dos professores<sup>2</sup>, fazendo parte do que se denomina como “currículo oculto”. Entretanto, é preciso ressaltar que, mesmo dessa forma, conteúdos atitudinais são construídos pelos alunos em todas as atividades escolares, tanto nas obrigatórias quanto naquelas que constituem a parte diversificada e/ou “extracurricular”.

Os valores são construtos sociais que orientam as escolhas dos indivíduos<sup>3-6</sup>. Eles aparecem no currículo escolar de variadas formas e, segundo Salvador *et al*<sup>6</sup>, podem ser classificados em: morais globais, subjetivos, implícitos nos eixos transversais, relacionados com a convivência na escola, relacionados com o trabalho pedagógico e específicos da área do conhecimento. Dessa forma, os autores evidenciam que há um conjunto de valores que atravessam todos os componentes curriculares, contudo, salientam que existem conteúdos da dimensão atitudinal específicos de cada componente. Partindo dessa premissa, podemos nos questionar: existem conteúdos atitudinais específicos da EF? Para responder a essa pergunta, será preciso, primeiramente, encontrar resposta para outras duas: Qual é a especificidade da EF na escola? Qual é a especificidade acadêmica da EF?

A discussão sobre a especificidade do componente curricular e da área do conhecimento que recebem o nome

de EF já acontece há algumas décadas e pode ser melhor compreendida a partir da síntese mais completa apresentada em Lima<sup>7</sup> e em Kolyniak Filho<sup>8</sup>, entre outros autores. De forma bastante resumida, podemos dizer que, com relação à área do conhecimento, essa discussão aparece nos Estados Unidos, em 1963, quando James Bryant Conant, ao examinar a EF na Universidade, criticou a qualidade das pesquisas realizadas. Vários especialistas da área procuraram responder rapidamente essas críticas. Entre eles, Henry<sup>9</sup>, tentando justificar a existência da área, espelhou-se na estrutura de disciplinas acadêmicas já estabelecidas, como a Química e a Física, e propôs a criação de uma disciplina acadêmica para a EF.

Partindo de uma premissa diferente, Sérgio<sup>11</sup> também defende um status científico para a EF, mas propõe uma reflexão filosófica sobre essa área a partir do olhar de uma nova ciência denominada Ciência da Motricidade Humana (CMH).

Na área da EF escolar é possível encontrar a expressão motricidade ou motricidade humana em diversas obras, como em Brasil<sup>1</sup> que, no entanto, se refere ao termo de forma genérica, como a capacidade humana para mover-se, mas que não necessariamente traz consigo a abrangência do termo desenvolvida a partir da reflexão filosófica proposta por Manuel Sérgio.

Por ter surgido como uma crítica ao entendimento vigente sobre a EF, ainda hoje os pressupostos da CMH influenciam a reflexão sobre os pressupostos ontológicos e epistemológicos da EF, assim como sua prática profissional. Se uma nova visão de homem e de mundo são propostas, a consequência lógica é que a atuação profissional também seja revista. Sendo assim, seja como uma área do conhecimento, seja como um componente do currículo escolar, essa proposta é permeada por uma base axiológica. Refletindo, portanto, a respeito das possíveis influências dos valores defendidos pela CMH e uma possível relação com a prática pedagógica de professores de EF, nos surgiram os seguintes questionamentos: pode a CMH fundamentar a escolha dos valores da EF na escola? Que valores devem constituir um currículo fundamentado na CMH? Procurando respostas para essas questões, o presente artigo tem como objetivo discutir os valores que

podem constituir o currículo de uma proposta de EF escolar que se fundamente nos pressupostos da CMH.

### **Ciência da Motricidade Humana e Educação Física: um breve histórico**

A proposta de constituição de uma CMH teve como principal porta-voz o professor português Manuel Sérgio. Em 1974, no artigo denominado “Para uma nova dimensão do desporto”, o autor já defendia uma nova ciência, que focalizasse o movimento humano<sup>11</sup>. Outro artigo sobre o tema foi publicado na revista *Ludens*, editada pelo Instituto de EF de Lisboa, no ano de 1979<sup>4</sup>. A expressão “Ciência da Motricidade Humana”, apresentada nesse artigo<sup>11</sup>, recebe uma análise mais fundamentada quando da defesa de sua tese de doutoramento, em 1986.

Manuel Sérgio, cuja formação inicial acontecera na área de filosofia, aproximou-se de forma mais intensa da EF ao ser convidado para ministrar a disciplina *Filosofia das Atividades Corporais*, no Instituto Superior de EF da Universidade Técnica de Lisboa<sup>10</sup>. Aos poucos, a partir de seus conhecimentos filosóficos, constrói uma forma diferenciada de olhar para a EF. Em suas reflexões, o autor identificou a existência de uma crise na EF, que era desprestigiada na Universidade, como expressou no livro “Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana”. Nessa obra, o autor denunciava uma EF que pactuava com interesses políticos e que era controlada por médicos e por militares e que expressava uma visão fragmentada do ser humano, dissociando os aspectos corporais dos intelectuais, além de um caráter mecanicista por utilizar de procedimentos que tratavam ao ser humano como se fosse uma máquina. Dizia ele que pesquisadores e profissionais da EF apresentavam visão reducionista do ser humano e focalizavam apenas os aspectos biológicos envolvidos na prática motora. Para Sérgio<sup>10</sup>, o maior problema da EF era a ausência de um estatuto científico próprio, e, por isso, continuava a se caracterizar como uma área “*sem uma teoria específica, sem uma articulação lógica de um conjunto de proposições dedutíveis e refutáveis que lhe dêem singularidade*”<sup>10</sup> (p. 24-25).

Para reverter esse quadro, o caminho proposto foi a constituição de uma nova ciência que se incumbiria de estudar a motricidade humana, definida pelo autor como a “ciência da *compreensão* e da *explicação* das condutas motoras”<sup>10</sup> (p.48, itálico no original). Inspirado na fenomenologia e na hermenêutica, Manuel Sérgio critica a visão positivista de ciência e de EF, defendendo uma mudança paradigmática, que considere temas como complexidade e subjetividade. Nesse sentido, argumenta que a CMH deve surgir a partir de um “corte epistemológico”, rompendo com a visão biomédica apresentada até então pelos pesquisadores do Esporte e da EF.

Essa nova ciência, que tem origem nas necessidades culturais modernas, se fundamenta numa visão sistêmica de homem, que é visto como “*um ser aberto à transcendência e, como tal, um ser prático que, na totalidade sócio-política e pela motricidade, a persegue*”<sup>10</sup> (p. 45, itálico no original). Outro eixo fundamental da proposta apresentada por Manuel Sérgio é o destaque dado às influências dos aspectos sociológicos, políticos, econômicos e culturais nas práticas motoras. Nessa perspectiva, afirma que a

Ciência da Motricidade Humana estuda o homem no movimento da superação (o momento mais autenticamente humano) e, como tal, concorre a uma leitura política do corpo, já que os ricos e os pobres não são o mesmo corpo. Cada classe social tem a sua cultura motora<sup>12</sup> (p. 256).

Em termos ontológicos, a CMH atribui ao ser humano uma incompletude perene, porém tal incompletude é a responsável para que o homem, dotado de intencionalidade, se relacione com o mundo e com os outros com vistas a preenchê-la, num movimento incessante. A cada desejo ou meta atendida por meio dessa busca, o homem transcende sua atual condição, e atinge um novo patamar em seu desenvolvimento. Esse desenvolvimento, por sua vez, é visto de forma sistêmica, tanto porque o patamar atingido em cada etapa acaba se tornando uma nova condição inicial que desafia o homem a continuar em busca de novas transcendências, como também porque o desenvolvimento é visto como integrando as várias dimensões da existência humana (física, motora, cognitiva, emocional, social e histórica).

A existência e o desenvolvimento humanos vistos sob essa ótica acabam por destacar a necessidade da construção de uma atitude pautada nos valores da cooperação, da criticidade, da criatividade e da autonomia para que as metas de transcendência e de realização humana melhor se efetivem. Pode-se dizer que a CMH surge numa época em que o ideário da filosofia da ciência, de uma forma geral, passava por mudanças. O ideário da complexidade, da transdisciplinaridade, da globalização convergiam com o surgimento de novas formas de olhar para a ciência e, porque não, de olhar para a EF. O novo olhar que a CMH propõe para a EF iniciava com uma crítica a toda e qualquer concepção dualista relativa à natureza ou à existência humana e propunha a necessidade de sua superação com vistas a entender e a lidar com o ser atendendo a todas as suas dimensões, melhor compreendendo a relação entre elas, e a relação entre o homem e seu ambiente, e sua cultura, do que até então se havia feito.

Sociedades científicas nacionais com a intenção de promover a evolução, a divulgação e o intercâmbio de estudiosos interessados na CMH surgiram em Portugal, na Espanha, no Brasil, no Chile, na Colômbia, que juntas, se reuniram na Sociedade Internacional de Motricidade Humana, que até 2010 já havia promovido cinco Congressos internacionais com periodicidade bianual. Além disso, pesquisadores desses países formaram a Red Internacional de Investigadores de la Motricidad Humana cuja listagem das obras nas quais utilizaram a Ciência da Motricidade Humana como referência seria bastante longa e fugiria ao escopo deste ensaio. Alguns deles se dedicaram a compreender e aprofundar as concepções do autor e a disseminar os conhecimentos produzidos sobre o tema, com a publicação de inúmeros trabalhos<sup>13</sup>. Entre esses estudiosos, Eugenia Trigo merece destaque, sendo umas das autoras que mais tem contribuído para fazer da Motricidade Humana uma ciência. Parte da trajetória deste grupo de estudiosos, associados em rede internacional, pode ser conhecida num artigo publicado pela Red, em 2006.

No Brasil, os autores mais expressivos são: Wagner Wey Moreira, Regina Simões, João Batista

Freire, Vilma Leni Nista-Piccolo, Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva, Carol Kolyniak Filho, Marta Genú Soares Aragão, Ricardo Melani, Rosa Prista, Sidirley de Jesus Barreto, e seus orientandos de Mestrado e Doutorado. O entendimento a respeito do que constitui a motricidade apresentado em várias obras, como em Teixeira<sup>14</sup> evoluiu nos últimos anos em consequência do envolvimento das Sociedades Científicas aqui relatadas.

Essa influência de Manuel Sérgio também pode ser constatada na área da EF nas obras de autores como Teixeira<sup>14</sup> e Lima<sup>7</sup> que, mesmo não fazendo parte do grupo de pesquisadores que adotou a CMH como principal fundamentação para seus trabalhos, discutem os significados da EF e citam a Motricidade Humana como tema organizador da área.

Além deles, Correia<sup>15</sup>, Ferraz<sup>16</sup> e Betti<sup>17</sup> também discutem a motricidade, com suas respectivas nuances. Betti<sup>17</sup> parte da análise de alguns conceitos da motricidade e da cultura corporal de movimento para articular formação e intervenção profissional em Educação Física. Correia<sup>15</sup> cita a motricidade como um dos temas a serem discutidos no Ensino Médio. Ferraz<sup>16</sup>, discute a especificidade da Educação Física na Educação Infantil, apresenta idéia semelhante à de Correia<sup>15</sup> e entende que os conhecimentos sobre a Motricidade Humana constituem o currículo da Educação Física na escola.

Entretanto, podemos encontrar outros estudiosos que foram influenciados pelo autor de forma mais intensa e que mergulharam nessa discussão aprofundada, procurando consolidar a nova ciência. Entre eles podemos citar Kolyniak Filho e Sheila Silva. Num desses trabalhos Silva<sup>18</sup> discute a idéia de transcendência, que é um dos fundamentos da proposta apresentada por Sérgio. A autora busca os aportes da filosofia e, a partir dos estudos de Heidegger, se propõe a iniciar a discussão sobre o tema. Após analisar diferentes significados do termo, argumenta que a transcendência da qual trata a CMH não é um conceito místico como pode parecer, mas está fundamentada no pensamento realista. Assim, a busca de transcendência não visa ao alcance de um modelo ideal de ser humano, ao contrário, transcender é algo que faz parte da essência do ser humano, que está presente em seus atos

cotidianos e que se manifesta na sua busca incessante de auto-realização<sup>18</sup>, portanto, basicamente movida por seus desejos que, por sua vez, são influenciados por sua história de vida e a cultura em que se situa.

A partir do exposto, podemos constatar como os pressupostos defendidos por Manuel Sérgio foram incorporados por estudiosos da EF brasileira, embora alguns deles tenham adotado a expressão Motricidade Humana apenas no seu sentido estrito, sem a amplitude filosófica iniciada por Manuel Sérgio. Atualmente, a CMH tem sido estudada em diversos países, como: Brasil, Portugal, Chile, Colômbia, México, Argentina e Espanha. Ela fundamenta a realização de cursos de graduação e pós-graduação, além de constituir linha de pesquisa para diversos grupos de estudos, como explicita Trigo<sup>13</sup>. Porém, a autora afirma que a CMH ainda não pode ser considerada como de ampla disseminação no meio acadêmico, cujas práticas pedagógicas ainda se mostram diferenciadas das práticas tradicionais e, talvez por isso, haja dificuldade para que sejam compreendidas e empreendidas por um grande número de pessoas.

Para Trigo<sup>13</sup>, a CMH apresenta ainda algumas questões a resolver. Uma delas é a necessidade de se superar uma visão reducionista que tem vinculado a nova ciência estritamente ao universo da EF e do Esporte quando, na verdade, é uma ciência que trata do ser humano mesmo fora desses contextos<sup>4</sup>. Compreende-se que essa vinculação aconteça devido à forma como se originou sua proposição já que Manuel Sérgio, ao realizá-la, se situava no universo e envolvido com as questões da EF e do Esporte. Mesmo assim, desde o início, Manuel Sérgio afirma que sua proposta deveria fundamentar também outras áreas, como a Fisioterapia e a Ergonomia, pois ambas lidam com o ser humano. Entretanto, ainda hoje, predomina a presença de estudiosos da área da EF nas sociedades científicas, nos congressos científicos e nas publicações da área da CMH.

Manuel Sérgio não propõe substituir o termo EF por Motricidade Humana, apesar de muitos o terem interpretado dessa maneira, e não considera os termos como sinônimos. Entende a EF como uma pré-ciência da CMH<sup>10</sup> e propõe que a EF, quando vista em sua dimensão

pedagógica, mude de nome propondo o termo Educação Motora. Com isso, considera que ajudaria a superar a idéia dualista implícita na expressão EF, uma vez que não se pode educar o físico, mas o ser humano indissociado, integral. Parece que, embora Manuel Sérgio expressasse a diferenciação entre CMH e a Educação Motora como propunha, salienta Trigo<sup>13</sup> que, nesse momento, nem mesmo o autor compreendia a amplitude da proposta que apresentava. Trigo<sup>13</sup> afirma, também, que mesmo nos textos mais recentes do autor ainda é possível perceber que ele não percebe o alcance das possibilidades da sua proposta, continuando a expor suas idéias sempre utilizando exemplos do campo do esporte, da dança ou da reabilitação. Para os pesquisadores da Red, os pressupostos ontológicos, epistemológicos e axiológicos da CMH podem fundamentar diversas áreas de conhecimento que lidam com o ser humano visando ao seu desenvolvimento, tanto individual, quanto comunitário, e influenciar o surgimento de novas metodologias de trabalho de caráter complexo, integrador, transdisciplinar.

### **Os Valores nas aulas de Educação Física a partir da Motricidade Humana**

Uma proposta de EF escolar que se fundamente nos pressupostos da CMH traz em si um conjunto de valores que irão orientar o trabalho docente, como a escolha dos saberes a serem construídos pelos alunos. Por certo, valores, atitudes e normas preconizados pelos professores que se fundamentam nessa proposta expressarão aqueles que fundamentam a CMH Mas quais seriam esses valores? Silva<sup>18,19</sup> destaca que a promoção da liberdade e da autonomia dos educandos poderia pautar práticas pedagógicas com vistas à promoção da transcendência deles.

Para isso, no entanto, é necessário saber que a CMH tem suas bases num determinado sistema de valores e no questionamento de valores vigentes, como a educação que promovia certa alienação humana devido às suas práticas mecânicas que produziam seres humanos conformistas. Na defesa que Manuel Sérgio empreende a respeito da necessidade de um corte epistemológico e de

uma *revolução moral*, ou ainda quando argumenta que a antiga EF separava os aspectos físicos, dos intelectuais e dos morais, nota-se sua proposta de mudança nos valores que sustentavam a EF da época. Destaca que a Educação Motora deveria focalizar a libertação e a conscientização dos indivíduos, ou seja, deveria ter como valor fundamental a **liberdade**.

Diante do exposto, podemos entender que o autor defende uma intervenção que substitua alienação por conscientização, já que, para que os indivíduos sejam livres, torna-se fundamental que tenham **consciência** sobre sua realidade e seus atos. A relevância de fazer com que as ações adotadas sejam resultado de escolhas conscientes é defendida em muitas obras de Sérgio. Aparece, por exemplo, quando apresenta a *práxis transformadora*, na qual o homem “*toma consciência de que não é objeto, mas sujeito fazedor de história e doador de sentido*”<sup>10</sup> (p.99). No entanto, é na discussão sobre **transcendência** que se pode perceber uma busca pela conscientização dos indivíduos. Ela é apresentada por Sérgio e discutida por Silva<sup>18</sup> que evidencia que “*transcender*” é uma palavra que pode ser interpretada de diferentes maneiras. Nesses diferentes sentidos, sobressai a idéia de superação. Entretanto, no caso da CMH, a transcendência não está associada à capacidade de se destacar dos demais ou de superá-los, o que evidenciaria uma conotação individualista e competitiva, ao contrário, ao transcender o indivíduo supera a si mesmo e se transforma. A transcendência deve envolver a **intencionalidade** do indivíduo, daí a relação que tentamos estabelecer entre transcendência e consciência<sup>18</sup>.

Valores como liberdade, transcendência e consciência, que constituem as bases da CMH, têm presença marcante também na educação libertadora proposta por Paulo Freire. Para Freire, a “*consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca*”<sup>20</sup> (p.24). Essa proposição também é encontrada nos textos de Manuel Sérgio.

Esta transcendência é essencial para a construção da liberdade. Podemos ver a relação entre esses três

valores quando o autor afirma que uma educação problematizadora “*busca a emergência das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade*”<sup>21</sup> (p. 99). Esta inserção crítica exige intencionalidade e transcendência para que os educandos possam construir sua liberdade.

Outro valor que aparece nas bases da CMH é a **criatividade**. Ela é destacada em toda a obra de Sérgio e tratada com maior profundidade por Eugenia Trigo. Ambos ressaltam a necessidade de ultrapassarmos a mera reprodução mecânica de ações motoras e não-motoras. É possível perceber o valor atribuído à possibilidade criadora do homem quando Rey e Trigo<sup>5</sup> salientam que o trabalho que articula motricidade e criatividade estimula diferentes competências nos indivíduos.

Após a análise dos diferentes estudos sobre a CMH, acrescentamos que um dos valores defendidos pela nova ciência é a **autonomia**. Concordando com Silva<sup>19</sup>, entendemos autonomia como a capacidade de se autogovernar, de tomar suas próprias decisões, de forma intencional, consciente, livre e responsável. A autora afirma que “*quando nos propomos a desenvolver seres humanos por meio das atividades ligadas à motricidade, está implícito que a busca da autonomia norteia este processo*”<sup>19</sup> (p.144).

Pensar o ensino da EF na escola, a partir desses pressupostos, significa refletir sobre uma prática pedagógica que seja voltada à construção desses valores. Podemos entender que liberdade, consciência, transcendência, intencionalidade, criatividade e autonomia não são valores específicos ou exclusivos da EF, mas podem ser vistos como específicos quando considerados nas situações em que as pessoas realizam atividades físicas, participam de jogos, esportes, danças, lutas, expressão corporal, que são os conteúdos veiculados nas aulas de EF escolar.

A compreensão sobre si mesmo, sobre as relações humanas e sobre o ambiente e a cultura na qual o educando se situa podem ser promovidas, de maneira integral, quando o tema de estudo é o corpo e o movimento corporal, situados histórica e socialmente.

Dessa forma, existem muitas maneiras de implementar aulas de EF na escola que contribuam para que o aluno viva sua motricidade de forma livre, consciente, intencional e com criatividade. Com certeza, um dos primeiros passos deve ser a valorização da realidade local e da humanização das relações interpessoais.

### Conclusões

Faz parte do currículo da EF um conjunto de conteúdos atitudinais compostos por normas, atitudes e valores. Esses conteúdos, que geralmente permanecem ocultos no currículo, merecem grande atenção por parte de pesquisadores e educadores. Explicitar ao máximo quais os conteúdos a ensinar possibilita uma seleção mais adequada e eficiente de estratégias de ensino próprias para o desenvolvimento dessa dimensão.

A CMH é permeada por uma base axiológica que tem influenciado os pressupostos ontológicos e epistemológicos da EF, assim como a prática pedagógica do professor. Nessa perspectiva, o objetivo deste ensaio foi discutir os valores que podem constituir o currículo de uma proposta de EF escolar que se fundamente nos pressupostos da CMH.

A partir dos trabalhos analisados, foi possível identificar alguns valores básicos da CMH, como liberdade, consciência, transcendência, intencionalidade, criatividade e autonomia. Acreditamos que o professor de EF que escolher a CMH para fundamentar sua prática pedagógica terá como desafio construir um projeto pedagógico adequado para possibilitar a construção e vivência desses valores e relacioná-los com a especificidade da área, aqui entendida como a disseminação de conhecimentos sobre corpo e movimento.

Na área da EF escolar brasileira, é possível refletir sobre as diversas abordagens pedagógicas sob a ótica dos pressupostos filosóficos da CMH no sentido de identificar pontos de convergência que, num primeiro momento, nos parecem muitos, já que muito se evoluiu em termos de ideário pedagógico nos últimos 20 anos. Dessa forma, será possível contribuir para o aperfeiçoamento do

trabalho que se realiza na escola, para que a construção de valores nas aulas de EF aconteça de forma intencional e consciente por parte dos professores.

### Referências

1. Brasil MEC. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília, MEC/SEF, 1997.
2. Freire ES, *et al.* A Dimensão Atitudinal nas aulas de Educação Física: conteúdos selecionados pelos professores. **Rev Educ Fís UEM** 2010; 21(2):223-235.
3. Pereira C, Camino L, Da Costa JB. Um Estudo sobre a Integração dos Níveis de Análise dos Sistemas de Valores. **Psicologia: reflexão e crítica** 2005; 18(1):16-25.
4. Red Internacional De Investigadores En Motricidad Humana. La ciencia de la motricidad humana (CMH) como área autónoma de conocimiento: trayectorias desde la Red Internacional de Investigadores de la Motricidad Humana. São Paulo. **Integração** 2006; 12(46):247-262. Disponível em: < [ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/247\\_46.pdf](ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/247_46.pdf)>. Acesso em: 12 abr 2012.
5. Rey A, Trigo E. Motricidad...? Quién eres? **Apunts Educación Física y Deportes** 2000; 59:91-98.
6. Salvador CC, *et al.* **Psicologia do Ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 408p.
7. Lima JRP. Caracterização Acadêmica e Profissional da Educação Física. **Rev Pauli Educ Fís** 1994; 8(2):54-67.
8. Kolyniak Filho C. **Educação Física: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1996.
9. Henry FM. Physical education: an academic discipline. em Slusher HS, & Lockhart AS, eds. **Anthology of contemporary readings: an introduction to physical education**. Dubuque: Wm. C. Brown, p.281-286, 1966.
10. Sérgio M. **Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?** Campinas: Papyrus, 1989.
11. Sérgio M. Críticas à Ciência da Motricidade Humana. In: SERGIO, M. Et al **Motricidad Humana: una Mirada Retrospectiva**. España-Colombia: Colección Léeme, 2009.
12. Sérgio MA. Ciência da Motricidade Humana e a sua lógica do social. **Rev Bras Ciênc Esporte** 1996; 17(3):256-259.
13. Trigo E. Motricidade e vida. In: Sergio M *et al* **Motricidad Humana: una Mirada Retrospectiva**. España-Colombia: Colección Léeme, 2009.
14. Teixeira LA. Estudo da Motricidade Humana como fonte de ordem para um tema científico, uma profissão e um componente do currículo escolar. **Rev Pauli Educ Fís** 1993; 7(1): 77-91.
15. Correia WR. Planejamento Participativo e o Ensino de Educação Física no 2o. Grau. **Rev Pauli Educ Fís** 1996; supl.2:43-48.

16. Ferraz OL. Educação física escolar: conhecimento e especificidade - a questão da pré-escola. **Rev Pauli Educ Fís** 1996; Supl.2:16-22.
17. Betti M. Motricidade Humana e Cultura Corporal de Movimento na Constituição dos projetos de Educação Física. Congresso Internacional de Epistemologia da Educação Física. **Anais...**São Paulo, 2006.
18. Silva SAPS. Motricidade Humana e a idéia de transcendência: apontamentos a partir de Martin Heidegger. In: V Congresso Internacional de Motricidad Humana, De que Motricidade estamos falando? **Anais...**Valdivia : Universidade Austral de Chile, 2007. v. 1. p. 1-9.
19. Silva SAPS. Liberdade e autonomia como valores norteadores de programas para o desenvolvimento da Motricidade Humana. **Integração** 2005; 16(41):141-146.
20. Freire P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 54p.
21. Freire P. **Pedagogia do Oprimido**. 2.ed. Porto: Afrontamento, 1975. 264p.